



Museu de História Natural Louis Jacques Brunet: patrimônio histórico, científico e cultural de Pernambuco desde 1855

(Louis Jacques Brunet Natural History Museum: The historical, scientific, and cultural heritage of Pernambuco since 1855)

Maria Agrecia OLIVEIRA

Virgínia ÁVILA

Universidade de Pernambuco, Brasil

RESUMO: Fundado em 1855, o Museu de História Natural Louis Jacques Brunet está localizado na Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano (EREM Ginásio Pernambucano), às margens do rio Capibaribe, no Recife. O museu abriga um acervo de aproximadamente 7.000 itens e recebeu o nome de seu fundador, o naturalista francês Louis Jacques Brunet, que lecionou Ciências Naturais no Ginásio Pernambucano entre 1855 e 1863. Contratado pelo governo provincial, Brunet organizou uma coleção científica com fins pedagógicos, destinada ao museu escolar da instituição. Trata-se de uma importante referência para pesquisadores, estudantes e para a comunidade em geral, desempenhando um papel fundamental na preservação e divulgação do patrimônio científico da região de Pernambuco. Destaca-se, ainda, como o único museu de história natural do século XIX ainda em funcionamento no estado, reafirmando sua importância histórica, científica e cultural, tanto no contexto regional quanto nacional.

PALAVRAS-CHAVE: museus escolares; patrimônio cultural; educação científica; História da educação; Brasil.

ABSTRACT: Founded in 1855, the Louis Jacques Brunet Natural History Museum is located at Pernambuco Model High School (EREM Ginásio Pernambucano) on the banks of the Capibaribe River in Recife. The museum is home to a collection of approximately 7,000 items and was named after its founder, the French naturalist Louis Jacques Brunet, who taught Natural Sciences at Pernambucano High School between 1855 and 1863. Hired by the provincial government, Brunet created a scientific collection for educational purposes for the school museum. It is an important reference for researchers, students, and the community in general, and plays a fundamental role in the preservation and dissemination of the scientific heritage of the Pernambuco region. Its status as the only 19th-century natural history museum still in operation in the state reaffirms its historical, scientific, and cultural importance, both regionally and nationally.

KEYWORDS: school museums; cultural heritage; scientific education; history of education; Brazil.

Introdução

Eric Hobsbawm (1917–2012), ao refletir sobre a breve história do século XX, alertou para um dos

fenômenos mais característicos e sombrios do final desse período: a destruição do passado — ou, mais precisamente, o colapso dos mecanismos sociais que conectam a experiência individual às gerações anteriores. Para o historiador, esse rompimento com a continuidade histórica compromete a capacidade de compreensão crítica do presente, fragilizando a construção de projetos societários de futuro.¹

Esse fenômeno apontado por Hobsbawm se intensificou no primeiro quartel do século XXI. Vivemos numa era marcada pela aceleração do tempo, pela fragmentação da memória e pela efemeridade da informação digital. Na lógica neoliberal, em que a competição e o consumo reconfiguram as relações sociais, os saberes, as experiências e as memórias coletivas muitas vezes são descartados ou desvalorizados. Trata-se de uma reconfiguração que transforma não apenas as formas de pensar, sentir e viver, mas também redefine os vínculos que sustentam a vida em sociedade.

Essas transformações podem ser compreendidas à luz do conceito de “modernidade líquida”, proposto por Zygmunt Bauman.² Segundo o autor, as relações, identidades e valores tornam-se voláteis, dissolvendo-se rapidamente e assumindo formas instáveis, o que exige uma constante reinvenção. É nesse contexto de profundas mudanças nas formas de transmissão dos conhecimentos considerados relevantes em cada época que o interesse pela memória e pelo patrimônio emerge como uma resposta ao esquecimento e à destruição dos vínculos comunitários.³ Essa transmissão realiza-se, sobretudo, por meio da educação institucional, que, ao longo dos séculos, tem assumido a tarefa de preservar e sistematizar os que foram considerados saberes acumulados pela humanidade,⁴ contribuindo diretamente para a formação de identidades, valores e para o exercício da cidadania.

Diante do apagamento simbólico das experiências do passado, os museus escolares e pedagógicos desempenham um papel importante na preservação da memória educacional.⁵ Mais do que espaços

¹ Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914–1991)* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), 598.

² Zygmunt Bauman, *Modernidade líquida* (Rio de Janeiro: Zahar, 2001).

³ Antonio Viñao Frago, “Memoria, patrimonio y educación”, *Educatio Siglo XXI*. Revista de la Facultad de Educación 28, n.º. 2 (2010): 17–42.

⁴ *Ibid.*

⁵ Segundo Julio Ruiz Berrio, a diferença entre um museu escolar e um museu pedagógico reside principalmente na sua finalidade e na forma como são utilizados na educação. O museu escolar é visto como um espaço que serve de suporte para as atividades educativas dentro da escola, funcionando como um recurso didático que complementa o ensino. O museu pedagógico, por outro lado, tem uma finalidade mais ampla, sendo considerado um espaço de reflexão e formação

de exposição de artefatos escolares, esses museus funcionam como dispositivos formativos que articulam memória, história e cidadania,⁶ assegurando que as experiências acumuladas ao longo do tempo permaneçam acessíveis às novas gerações.⁷ Desse modo, o patrimônio educativo se afirma como um bem coletivo e de interesse público, cuja valorização e visibilidade contribuem para a construção de um imaginário social sobre o passado, que permite interpretar a história, a cultura e as práticas educativas de forma crítica e reflexiva.⁸

Não por acaso, os estudos sobre o patrimônio histórico-educacional se expandiram significativamente nas últimas décadas em diversos países, especialmente a partir da década de 1980. Esse movimento reflete uma inflexão historiográfica, ou seja, uma mudança no modo de conceber a história da educação, enfatizando a experiência educativa em suas múltiplas dimensões. Os bens materiais e imateriais relacionados à prática educativa passaram a ser reconhecidos como fontes relevantes para a compreensão da cultura escolar, na medida em que revelam os modos como a educação se materializou ao longo do tempo.⁹

Na Espanha, destaca-se o contributo incontornável de Julio Ruiz Berrio, historiador da educação, cuja obra evidencia o papel central do patrimônio educativo para a compreensão das práticas escolares e da cultura educacional ao longo da história.¹⁰ Nesse país, as iniciativas governamentais e privadas para a criação e implementação de museus escolares e pedagógicos têm crescido nos últimos anos. Entre 1983 e 2023, foram criados museus pedagógicos em dez universidades espanholas, que funcionam como recurso para a docência e a investigação, além de museus escolares, instalados em sua maioria em centros de ensino secundário.¹¹ Alguns museus são mantidos pelos governos

para professores e alunos, o que exige uma compreensão mais profunda e crítica do patrimônio e das práticas educativas.

⁶ Justino Magalhães, "Arquivos e museus escolares – Fontes de memória e educação histórica", *Sensos-e* 9, nº. 1 (2022): 47–54.

⁷ Julio Ruíz Berrio, "Historia y Museología de la Educación: Despegue y Reconversión de los Museos Pedagógicos," *Historia de la Educación* 25 (2013): 271–290.

⁸ Agustín Escolano Benito, "El patrimonio material de la escuela y la historia de la educación," *Cuadernos de Historia de la Educación*, nº. 6 (2009): 7–9.

⁹ Julio Ruiz Berrio, *El patrimonio histórico-educativo. Su conservación y estudio*. Madrid: Biblioteca Nueva - Museo de Historia de la Educación Manuel B., 2010.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Luis María Naya Garmendia, "Los museos de la Educación en España: un panorama alentador." *El Diario de la*

regionais¹² e foram criados com o objetivo de fortalecer a formação das identidades regionais e locais.

13

Na Itália, a criação da SIPSE, a Sociedade Italiana para o Estudo do Patrimônio Histórico-Educacional, em 2017, impulsionou estudos mais aprofundados sobre preservação e valorização do patrimônio histórico-educativo. Conforme aponta Robert Sani, essa iniciativa busca superar o atraso acumulado no setor, como a falta de infraestrutura adequada e ausência de instrumentos que favoreçam tanto a pesquisa quanto a formação especializada de pesquisadores.¹⁴

No Brasil, tem-se observado, nos últimos anos, diversas ações voltadas para a salvaguarda, preservação, organização e disponibilização de acervos escolares, muitas das quais vinculadas a projetos desenvolvidos por grupos de pesquisa na área da História da Educação.¹⁵ Por outro lado, há um consenso entre os pesquisadores quanto à ausência de políticas públicas consistentes – em nível nacional, regional e local –, somada à falta de uma cultura de preservação do patrimônio histórico-educacional por parte de dirigentes e da sociedade em geral.¹⁶

No caso brasileiro, uma iniciativa recente — coordenada por três importantes entidades da área de História da Educação¹⁷ e com a participação de pesquisadores de diversas regiões do país — realizou um mapeamento abrangente dos acervos vinculados à educação. A primeira etapa consistiu na identificação e catalogação de centros de documentação e memória, museus, acervos e coleções

Educación, 8 de abril de 2025.

¹² Pablo Álvarez Domínguez, “Transferencia del Conocimiento Patrimonial Histórico Educativo a Través de los Museos Pedagógicos Universitarios Españoles.” *História da Educação* 25 (julho de 2021): e105032.

¹³ Sara Ramos Zamora e Teresa Rabazas Romero, “Patrimonio y Educación: Salvaguarda y Difusión de la Memoria de la Escuela desde los Museos de Educación en España,” *História da Educação* 28 (2024): e128823.

¹⁴ Roberto Sani, “A Pesquisa Sobre o patrimônio histórico e educacional na Itália.” *Revista Linhas* 20, nº. 44 (2019): 75-95

¹⁵ Maria Teresa Santos Cunha e Emerson César de Campos, “Um Itinerário de Pesquisa: Aspectos sobre a Temática Patrimônio Histórico-Educativo na História da Educação (2000–2015),” *RIDPHE_R: Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo* 6, nº. 00 (2020): e020021.

¹⁶ João Paulo Gama Oliveira e Rosa Fátima de Souza Chaloba, “O Patrimônio Educativo em Tela: Incursões pelos Anais dos Congressos Brasileiros de História da Educação (2011–2019),” *Revista Linhas* 24, nº. 55 (2023): 339–367.

¹⁷ A iniciativa é conduzida por três importantes entidades da área: a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) e o Grupo de Trabalho GT-02 História da Educação, vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Conta também com o apoio da Associação Nacional de História (ANPUH).

organizadas em todo o Brasil. Esse levantamento permitiu identificar as inúmeras iniciativas de preservação do patrimônio educativo, muitas vezes desconhecidas ou pouco divulgadas. A segunda etapa concentrou-se na elaboração de um instrumento dirigido ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com o objetivo de reivindicar o reconhecimento do patrimônio educativo como parte do patrimônio cultural brasileiro, permitindo sua integração oficial ao conjunto de bens culturais tutelados pelo Estado.

Nesse texto, destaca-se, como parte do levantamento nacional, o Museu de História Natural Louis Jacques Brunet, fundado em 1855, na cidade do Recife, Pernambuco. Sua criação insere-se no contexto dos primeiros museus brasileiros, instituídos no século XIX com o objetivo de preservar e divulgar o conhecimento científico.¹⁸ Com 170 anos de existência, o museu encontra-se atualmente instalado no pavimento superior da Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano (EREM Ginásio Pernambucano), instituição que celebrará seu bicentenário em 2025.

Nos limites deste trabalho, apresenta-se, inicialmente, um breve histórico do Ginásio Pernambucano (GP). Em seguida, examina-se o contexto de criação do Museu de História Natural Louis Jacques Brunet, bem como seu acervo, composto por modelos didáticos de plantas, quadros parietais, esqueletos, animais taxidermizados, artefatos arqueológicos, fósseis, espécimes in vitro e moedas. Por fim, nas considerações finais, indicam-se as potencialidades do acervo e as perspectivas para futuras investigações.

Ginásio Pernambucano: a “vitrine” da Rua Aurora

Situado na Rua da Aurora, às margens do rio Capibaribe — um dos cartões-postais do Recife, capital de Pernambuco —, o Ginásio Pernambucano integra um complexo urbanístico e arquitetônico de estilo neoclássico, característico do século XIX, que compõe parte significativa do patrimônio histórico da cidade. Como bem sintetizou o escritor Gilberto Freire, a rua da Aurora representa uma rua tipicamente recifense, talvez a mais recifense, não apenas por ser banhada pelo rio, mas, sobretudo, por abrigar alguns dos mais autênticos sobrados do século XIX. É também um espaço muito procurado

¹⁸ Rômulo José Benito de Freitas Gonzales e Priscila Faulhaber, “A formação do Museu de História Natural do Ginásio Pernambucano: a contribuição de Louis Jacques Brunet (1855–1863),” in *Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: Epistemologia e Políticas*, org. Emanuela Sousa Ribeiro, Bruno Melo de Araújo e Marcus Granato (Recife: Editora UFPE, 2020), 266–289.

por historiadores, sociólogos, poetas, cronistas, e pelo recifense, de um modo geral.¹⁹

Projetado para ser o ginásio de referência na Província de Pernambuco, o GP integra não só a paisagem do centro do Recife, onde permanece até hoje, mas também o imaginário urbano e a memória coletiva da cidade, como testemunho de práticas educacionais e arquitetônicas de seu tempo. Seu projeto arquitetônico seguiu o modelo do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro — referência nacional no ensino médio público —, que serviu de inspiração para diversas instituições do país.²⁰ O Colégio Pedro II foi pioneiro na adoção de um currículo clássico-científico, incorporando disciplinas científicas regulares ao ensino médio.²¹

Como destacam Vinão Frago e Escolano,²² a escola, enquanto instituição, não se limita a ocupar um espaço físico, mas inscreve-se num lugar pensado e construído com uma finalidade específica. Segundo os autores, a arquitetura escolar pode ser compreendida como um programa simbólico que materializa discursos e valores sociais, como a ordem, a disciplina e a vigilância. Mais do que a edificação em si, considera-se também sua inserção no espaço urbano e a forma como se articula ou se diferencia da paisagem local. Assim, o espaço escolar é entendido como um constructo cultural que expressa concepções sociais e educacionais para além de sua estrutura física.

Ao longo de seus 200 anos, o Ginásio Pernambucano passou por várias mudanças, tanto em sua nomenclatura quanto em seu local de funcionamento. A instituição iniciou suas atividades pedagógicas com o nome de Liceu Provincial de Pernambuco, em uma das dependências do Convento do Carmo, em 1.º de setembro de 1825, por decreto do então presidente da província de Pernambuco, José Carlos Mayrink. Em 1842, o presidente Francisco do Rego Barros autorizou a reestruturação do Liceu, que passou a denominar-se Ginásio Provincial.²³

Em março de 1844, devido às precárias condições das instalações, o Ginásio Provincial foi

¹⁹ Nilo Pereira, “Ginásio Pernambucano, Patrimônio Cultural de Pernambuco”, v 1, n.º 2 (Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes; Fundarpe; Conselho Estadual de Cultura, janeiro de 1983), 1–6.

²⁰ Gonzales e Faulhaber, “A formação do Museu de História Natural do Ginásio Pernambucano”.

²¹ Luiz Antônio Cunha, *A Educação Brasileira na Primeira Onda Laica: do Império à República* (Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017).

²² Antonio Vinão Frago e Agustín Escolano, *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*, 2ª ed. (Rio de Janeiro: DP&A, 2001).

²³ Gonzales e Faulhaber, “A formação do Museu...”.

transferido pela primeira vez, passando a ocupar um sobrado na Rua dos Pires, hoje conhecida como Rua Gervásio Pires, no bairro da Soledade. No entanto, apenas cinco meses depois, em agosto do mesmo ano, o ginásio mudaria novamente de sede, dessa vez para um dos prédios da Alfândega, que à época era responsável pela fiscalização e arrecadação de tributos sobre mercadorias importadas e exportadas. Hoje, o local onde funcionava a antiga Alfândega abriga o Centro Cultural dos Correios, situado no bairro do Recife.²⁴

As mudanças de sede e de nomenclatura se tornaram uma constante na história do Ginásio. Em fevereiro de 1845, a instituição iniciou suas atividades na sede da Companhia dos Operários Engajados. Esses operários eram trabalhadores açorianos que vieram para o Brasil, no século XIX, buscando melhores condições de vida, engajados em contratos de prestação de serviços, na década de 30, e incentivados pela lei de 1830 que regulamentou o trabalho livre e almejava o crescimento da imigração para o Brasil.²⁵ O Ginásio Provincial permaneceu na Companhia dos Operários Engajados com atividades pedagógicas antes de ser transferido para o prédio do Hospital de Caridade.

No início de 1846, ocupou a casa das sessões do júri e, pouco depois, foi transferido para um sobrado (casa com dois pavimentos) na Rua da Praia. Finalmente, em 1850, o Ginásio Provincial estabeleceu-se na Rua do Hospício, onde permaneceu até 20 de dezembro de 1866, data em que foi transferido, de forma definitiva, para sede própria na Rua da Aurora. Durante sua construção, o novo prédio foi visitado por Dom Pedro II em sua passagem pelo Recife, em 1859.²⁶ Em 1893, a instituição passou a se chamar Instituto Benjamin Constant, porém essa mudança não perdurou por muito tempo. Três anos depois, por decreto de 1.º de janeiro de 1896, o nome original Ginásio Pernambucano foi restaurado.

²⁴ Fernando Raul Neto, João Paulo Carneiro Barbosa e Ricardo Berardo, “Biblioteca do Ginásio Pernambucano: levantamento do acervo de matemática do século XIX”, em *Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana* 8, n.º 3 (2017).

²⁵ Bruno Augusto Dornelas Câmara, “Trabalho livre no Brasil oitocentista: o Regime de Engajamento e as Leis de Locação de Serviço de 1830 e 1837” (*Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*, Associação Nacional de História – ANPUH, São Leopoldo, 2007). <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/29-snh24?start=80>.

²⁶ Fernando Raul Neto, João Paulo Carneiro Barbosa e Ricardo Berardo, “Biblioteca do Ginásio Pernambucano: levantamento do acervo de matemática do século XIX”, em *Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana* 8, n.º 3 (2017).

Em 1942, o nome foi novamente alterado para Colégio Pernambucano e, mais tarde, para Colégio Estadual de Pernambuco. Foi somente em 1974, através do Decreto Estadual n.º 3.432, de 31 de dezembro, que a escola recuperou seu nome original: Ginásio Pernambucano. As mudanças de nomenclatura refletiam as condições políticas, administrativas e ideológicas vividas pelo Brasil na transição do século XIX para o XX. Durante o Império e, posteriormente, na República, a estrutura do ensino foi submetida a sucessivas reorganizações, muitas vezes influenciadas pela Igreja Católica. Os governos provinciais e, mais adiante, os governos estaduais, frequentemente renomeavam as instituições de ensino como forma de afirmar sua administração ou implementar novas diretrizes pedagógicas.²⁷

Até a década de 1960, o GP era reconhecido como um verdadeiro “celeiro de lideranças”, tendo desempenhado um papel central na formação acadêmica de personalidades importantes tanto na política quanto na literatura brasileira. Por lá passaram políticos como Epiácio Pessoa – ex-presidente da República do Brasil, que estudou entre 1887 e 1889; Agamenon Magalhães – ex-governador de Pernambuco, foi aluno entre 1909 e 1911, quando concluiu o curso de Humanidades; Assis Chateaubriand – jurista, jornalista e empresário, conhecido por sua influência política e cultural, estudou no GP entre o início de 1900 a 1908, ano que ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Também lá estudaram poetas e escritores como Ariano Suassuna – dramaturgo e poeta, autor de “O Auto da Compadecida” e membro da Academia Brasileira de Letras, estudou no Ginásio entre 1942 e 1945; Clarice Lispector – escritora, autora de obras como “A Hora da Estrela”, foi aluna da escola entre 1932 e 1934; José Lins do Rego – escritor, autor do romance “Fogo morto” (1942), estudou no Ginásio Pernambucano, no Recife, durante o período em que viveu na cidade, aproximadamente entre 1915 e 1920; entre outros, não menos importantes.²⁸

Em 1984, o prédio do Ginásio Pernambucano foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), reconhecendo seu valor histórico e arquitetônico. Entre 1998 e 2004, o edifício permaneceu fechado para reformas. Após esse período, o GP foi transformado no primeiro Centro Experimental de ensino público do estado, por meio de uma parceria público-privada.²⁹

²⁷ Luiz Antônio Cunha, *A Educação Brasileira na Primeira Onda Laica: do Império à República* (Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017).

²⁸ Neto, Barbosa e Berardo, “Biblioteca do Ginásio Pernambucano...”.

²⁹ Ibid.

Em 2008, a escola passou por uma nova mudança, tornando-se Escola de Referência no Ensino Médio Ginásio Pernambucano, conforme estabelecido pela Lei Complementar n.º 125/2008, que instituiu o Programa de Educação Integral (PEI). Esse programa reorganizou os antigos Centros de Ensino Experimental, que passaram a denominar-se Escolas de Referência no Ensino Médio.³⁰



Figura 1. Fachada da EREM Ginásio Pernambucano.

(Fotografia de Tales de Araújo, 25 de julho de 2025).

O Ginásio Pernambucano mantém seu edifício original, cuja estrutura passou por pequenas intervenções, preservando as suas características arquitetônicas históricas. Entre os seus espaços mais emblemáticos, destacam-se: o Museu de História Natural Louis Jacques Brunet, fundado no século XIX, com um acervo estimado em aproximadamente 7.000 itens de diversas tipologias; a Biblioteca Olívio Montenegro, que abriga cerca de 6.750 obras, incluindo obras raras dos séculos XVI ao XIX; o Salão Nobre, também do século XIX, com 59 itens, entre mobiliário e quadros, que retratam momentos marcantes da trajetória da instituição; e o auditório para 280 lugares, com cadeiras de madeira originais do início do século XX.

Embora reconhecido por seu valor histórico, tanto em termos de conjunto arquitetônico quanto de acervos, é visível a necessidade de intervenções estruturais que assegurem a preservação e conservação adequadas do patrimônio salvaguardado na EREM Ginásio Pernambucano. A manutenção desse espaço vai além da valorização material, trata-se de um compromisso com a memória da educação pública em Pernambuco e no Brasil, que deve ser protegido para as gerações futuras.

³⁰ Manoel Lourenço da Silva e Maria Creusa de Araújo Borges, “Parceria público-privada na gestão da educação: de um programa experimental a uma política pública de gestão para resultados,” *Revista de Administração Educacional* 1 (jan./jun. 2016): 4–23.

Este compromisso faz ainda mais sentido quando se entende que os edifícios escolares não são apenas estruturas físicas, mas também repositórios simbólicos de experiências vividas. São espaços onde o tempo se inscreve, onde ecos de passos, vozes e sonhos continuam a reverberar e nos convidam a lançar um olhar para as marcas deixadas por alunos, professores e trabalhadores que, ao longo das décadas, deram sentido àquelas estruturas.³¹

Museu de História Natural Louis Jacques Brunet

Situado nas dependências da EREM Ginásio Pernambucano, o Museu de História Natural Louis Jacques Brunet recebeu o nome de seu fundador, Louis Jacques Brunet, um naturalista francês e professor da segunda cadeira de Ciências Naturais no Ginásio Pernambucano entre 1855 e 1863. Contratado pelo governo provincial nesse mesmo período, Brunet foi responsável pela criação de uma coleção de história natural para compor o museu escolar da instituição.³²



Figura 2. Louis Jacques Brunet. Fonte: Gonzales, 2022.

(Fotografia de Rosado; Silva, 1973).

A criação dos museus escolares no século XIX esteve ligada ao fortalecimento das instituições de ensino, impulsionado pela modernização pedagógica e pela implementação da escolaridade obrigatória.³³ Ao longo da segunda metade desse século, verificou-se um intenso movimento em

³¹ Tatiana de Freitas Ermel e Dóris Bittencourt Almeida, "Paradoxos entre memória e esquecimento: espaços escolares e suas (des)conexões na cidade de Porto Alegre", *Educação e Pesquisa* 51 (2025): e287413.

³² Nilton de Almeida Araújo, "Estrangeiros na criação da Escola Agrícola da Bahia (1863-1877)", in *Colecionismos, práticas de campo e representações*, org. Maria Margaret Lopes e Alda Heizer (Campina Grande: EDUEPB, 2011), 193–207.

³³ Marília Gabriela Petry, "Museu escolar: o que dizem os inventários (Santa Catarina/1941-1942)", in *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – séculos XIX e XX)*, org. Vera Lúcia Gaspar Silva e M. G. Petry (Florianópolis: Insular, 2012).

diversos países nas Américas e na Europa.³⁴ Essa iniciativa articulava-se a projetos pedagógicos que valorizavam métodos de ensino intuitivos, nos quais a observação e o contato direto com os objetos assumem um papel central na difusão do conhecimento, aproximando ciência e educação e contribuindo para a formação de professores e alunos.³⁵

O Museu de História Natural Louis Jacques Brunet é o único exemplar na cidade do Recife e representa, em todo o estado de Pernambuco, o único museu de história natural remanescente do século XIX.³⁶ Brunet realizou diversas viagens pelo Brasil com o intuito de coletar materiais para compor o acervo do museu. Duas dessas expedições, em particular, foram decisivas para a ampliação da coleção, tornando o Ginásio Pernambucano uma instituição de referência no ensino e na prática da História Natural na região.³⁷ O próprio naturalista se encarregou de iniciar a catalogação das primeiras coleções do acervo material do museu, na época denominado gabinete de história natural, com o objetivo de apoiar o ensino para o qual foi admitido.



Figura 3. A coleção, composta por 31 volumes, foi catalogada por Brunet.
(Fotografia de Maria Agrecia Oliveira, agosto de 2024).

³⁴ Diana Gonçalves Vidal e Vera Lúcia Gaspar da Silva, “Por uma história sensorial da escola e da escolarização”, *Linhas Revista: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação* 11, nº. 2 (jul./dez. 2010): 9–45.

³⁵ Zita Rosane Possamai, “Museus Pedagógicos Nacionais: Brasil e França, século XIX”, *Museologia & Interdisciplinaridade* 8, nº. 16 (2019): 69–87.

³⁶ Maria Luisa Santos Ribeiro, *História da Educação Brasileira: a organização escolar* (São Paulo: Cortez, 1978).

³⁷ Gonzales e Faulhaber, “A formação do Museu de História Natural do Ginásio Pernambucano”.



Figura 4 e 5. Registros de catalogação da coleção por Brunet.³⁸

A ampliação do ensino secundário no Brasil, na segunda metade do século XIX, impulsionou a criação de gabinetes e coleções de ensino, acompanhando as novas concepções científicas. Os gabinetes de história natural destinavam-se às aulas práticas das cadeiras de ciências naturais.³⁹ De acordo com a proposta pedagógica, as escolas organizavam os laboratórios, os gabinetes e os museus escolares e adquiriam materiais de ensino próprios para cada área, como os instrumentos, os modelos, os reagentes, as vidrarias, entre outros, quase sempre importados da Europa.⁴⁰ A formação dos primeiros museus científicos do país se deu a partir do projeto do governo imperial e consolidou-se no período entre 1870 e 1910, um ciclo denominado “a era dos museus no Brasil”.⁴¹

Esse movimento surgiu no Brasil a partir de 1870, na esteira da ideia de progresso e crescente desenvolvimento científico. Para que o país participasse das principais discussões científicas, era necessário que as instituições brasileiras, especialmente os museus, funcionassem de acordo com os padrões europeus.⁴² Em 1880, foi criado o movimento sobre as diretrizes da pesquisa científica,

³⁸ Todas as fotografias aqui incluídas desde as marcadas como figuras 4 e 5 até a 15 foram realizadas por Tales de Araújo em junho de 2025.

³⁹ Gonzales, Rômulo José Benito de Freitas. “A musealização de coleções de ensino no século XIX: o caso do Ginásio Pernambucano”. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2022.

⁴⁰ Reginaldo Alberto Meloni e Wiara Rosa Rios Alcântara, “Materiais didático-científicos e a história de ciências naturais em São Paulo (1880-1901)”, *Educação e Pesquisa* 45 (2019): e207546.

⁴¹ Lilia Moritz Schwarcz, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870–1930* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993), 27.

⁴² Zita Rosane Possamai, “Museus Pedagógicos Nacionais: Brasil e França, Século XIX”, *Museologia & Interdisciplinaridade*

envolvendo centros tradicionais como Faculdades, Institutos Históricos e Museus. Para que os museus fossem considerados “científicos”, precisariam optar pela Natureza.⁴³ Em 1890, após criação de normas e características rígidas para o funcionamento, os museus atingiram o seu ápice como “instituições antropológicas”. Ao longo dos anos, essas instituições transformaram-se em “depósitos ordenados” de uma cultura material “fetichizada” e submetida à lógica evolutiva.⁴⁴

Entre março de 1857 e janeiro de 1858, Brunet fez sua primeira viagem pelo interior da província de Pernambuco, passando pelas províncias vizinhas como Alagoas, Piauí e Ceará. Na viagem, ele coletou diversos itens, como minerais, objetos arqueológicos, animais de diferentes espécies e acervos botânicos.⁴⁵

A cadeira de ciências naturais, da qual Brunet era professor, estava dividida em três partes: a Zoologia, a Botânica e a Mineralogia. Inicialmente, para a aula de Zoologia, ele trabalhou com “esqueletos para demonstrar a organização interior dos quatro grandes tipos de animais vertebrados (Mamíferos, Pássaros, Répteis e Peixes)”, com “crânios pertencentes às diversas famílias de Mamíferos” e com “pássaros para o estudo da Ornitologia”. Para o ensino de Botânica, utilizou produtos vegetais como resinas, gomas e cascas medicinais. E, para o ensino da Mineralogia, usava amostra de rochas.⁴⁶

8, n.º 16 (2019): 69–87.

⁴³ Jônatas Ferreira de Lima, “A ‘Moda’ chamada ‘Ciência’: A era dos museus no Brasil (1870–1910)”. Trabalho acadêmico, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, Departamento de História, 2010.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ Gonzales, Rômulo José Benito de Freitas. “A musealização de coleções de ensino no século XIX: o caso do Ginásio Pernambucano”. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2022.

⁴⁶ *Ibid.*, 47–48.



Figura 6. Livro com ilustrações de Brunet referentes à catalogação do acervo.

Entre as décadas de 1960 e 1970, o Museu de História Natural Louis Jacques Brunet passou por um processo de musealização, adotando uma relação direta com a produção de conhecimento científico, “um museu de ciência que apresentava funções de pesquisa, de ensino, de exposição”. Esse processo aconteceu durante as administrações do arqueólogo Laroche e do taxidermista Leopoldo de Melo.⁴⁷

Ao longo do século XX, o espaço foi conhecido como Gabinete de História Natural do Ginásio Pernambucano. Somente após o fechamento do colégio para reformas em 1998 e sua reabertura em 2004, essa nomenclatura foi extinta, e o local passou a se chamar Museu de História Natural Louis Jacques Brunet. A mudança no nome foi em homenagem a Louis Jacques Brunet: “nesta nova musealização a coleção assume um perfil mais histórico e menos científico, evidenciando a história do Ginásio Pernambucano e de suas práticas de ensino”.⁴⁸

O museu está instalado no 1.º andar da EREM Ginásio Pernambuco e conta com duas salas permanentes. Uma sala para exposição medindo 151 m² (cento e cinquenta e um metros quadrados) e outra sala para a reserva técnica (RT), com 51 m² (cinquenta e um metros quadrados). Na sala da exposição, encontram-se 08 (oito) armários de madeira de lei com vidraças intercaladas nas portas, dispostos em 04 (quatro) armários do lado esquerdo e 04 (quatro) armários do lado direito, e 06 (seis)

⁴⁷ Emanuela Sousa Ribeiro, “Sobreviveu, quem diria: o processo de musealização do gabinete de história natural do ginásio pernambucano no século XX”, XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB), 2015, 13.

⁴⁸ *Ibid*, 13-14.

baús de madeira com vidraças. No centro da sala, encontram-se mesas quadradas e retangulares com exemplares de animais silvestres taxidermizados. No centro da sala também está em exposição, no chão, uma costela de baleia. E, na sala de botânica, estão expostas as réplicas de plantas.

Os armários são utilizados para a organização e exibição dos objetos, como animais taxidermizados (aves, répteis, roedores), espécimes in vitro, malacologia, caixas entomológicas, ovos de aves, modelos de pés e de bicos de aves, entre outros. Nos baús estão expostos outros tipos de objetos como, crânios, fósseis, minerais, rochas e artefatos arqueológicos.

O museu funciona como um verdadeiro laboratório pedagógico e espaço de investigação. Por meio de uma aprendizagem ativa, os objetos museológicos tornam-se instrumentos de apoio didático, permitindo que os conteúdos sejam abordados de forma concreta e significativa.⁴⁹



Figura 7. Sala de exposição do Museu de História Natural Louis Jacques Brunet.

⁴⁹ Sara Ramos Zamora e Teresa Rabazas Romero, “Los Museos Pedagógicos Universitarios como Espacios de Memoria y Educación”, *História da Educação* (online) 21, n.º 53 (setembro/dezembro 2017): 100–119.



Figura 8. Sala de exposição do Museu de História Natural Louis Jacques Brunet.

Em 2004, parte do acervo – com exceção de peixes e répteis, modelos didáticos, artefatos arqueológicos, fósseis, objetos de malacologia e objetos de geologia – foi submetida a um processo de catalogação conduzido pelo museólogo Albino Oliveira, resultando no inventário de 3.911 itens. Esses itens abrangem diversas áreas de conhecimento, como Zoologia, Geologia, Botânica, Arqueologia, Numismática e Corpo Humano. Entre as tipologias, encontram-se modelos didáticos de plantas, quadros parietais, esqueletos, animais taxidermizados, artefatos arqueológicos, fósseis, espécimes in vitro e moedas.⁵⁰ Trata-se de uma coleção bastante diversificada e valiosa.

Segundo levantamento realizado pelo professor Severino Ribeiro, entre 2015 e 2018, quando coordenou o Museu de História Natural Louis Jacques Brunet, o acervo contava com aproximadamente 7.000 (sete mil) itens. Essa informação foi confirmada pela museóloga Francisca Queiroz de Lima, que substituiu Ribeiro em 2018.

O acervo

As coleções didáticas de animais taxidermizados constituem recursos para o ensino de zoologia, pois oferecerem material concreto, que permite aos estudantes compreender melhor a anatomia, a diversidade e as características dos animais, tornando o aprendizado mais interativo e significativo. Essa coleção é composta por vários exemplares (animais domésticos e silvestres). Grande parte dessa coleção foi coletada e catalogada pelo próprio Jacques Brunet e pode ser encontrada na sala de exposição e na RT. Em exposição, nas mesas, animais como jacaré, bicho-preguiça, capivara, lontra,

⁵⁰ Pollyne Ferreira de Santana, “O museu na escola: a coleção de modelos didáticos para o ensino de botânica do Museu Louis Jacques Brunet/ Ginásio Pernambucano (1893-1934)”. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

tartaruga, peixe, cachorro, onça parda, jaguatirica, entre outros.



Figura 9. Animais taxidermizados, sala de exposição do Museu de História Natural Louis Jacques Brunet.

Os artefatos arqueológicos (pré-colonial ou pós-colonial) estão organizados em baús de madeira, com exceção das três urnas funerárias (artefato arqueológico), que se encontram em exposição em uma mesa quadrada. Nos baús estão localizados a coleção de minerais, rochas e crânios de animais e itens de paleontologia, que possibilitam, através de fósseis, gerar informações sobre a evolução das espécies e reconstrução do passado. O acervo de paleontologia compreende fósseis de peixes e ossos de uma preguiça gigante pré-histórica.



Figura 10. Artefatos arqueológicos (urna funerária).



Figura 11. Artefatos arqueológicos (peixes).

Sobre o ensino de ciências, há duas formas de o estudante ter contato com o conhecimento: de forma passiva, em que o estudante recebe o conhecimento pronto, ou de forma ativa, por meio de práticas que possibilitem a reflexão e construção do conhecimento,⁵¹ como visitas aos museus.

O museu dispõe, ainda, de uma coleção numismática, composta por 300 moedas. No entanto, apenas cinco unidades estão catalogadas. Em exposição está a moeda de 500 réis, datada do ano de 1866. As demais são mantidas na RT.



Figura. 12. Numismática (Moeda, 500 réis - ano de 1866), cara e coroa.

⁵¹ Reginaldo Alberto Meloni, "A Experiência de Constituição de uma Fonte Documental a Partir dos Instrumentos de Ensino de Química e Física do Colégio Culto à Ciência de Campinas/SP", *Revista Brasileira de História da Educação* 11, n.º 1 (25) (janeiro/abril 2011): 43–65.

O Museu Louis Jacques Brunet foi criado ao mesmo tempo em que os primeiros museus brasileiros de História Natural, que tinham como objetivo inicial o estudo das matérias-primas naturais, com caráter científico. Esses museus foram concebidos para servir como recurso pedagógico e como espaço de armazenamento de espécimes para uso de professores e alunos.⁵²



Figura 13. Espécimes in vitro (cobras e lagarto).

A coleção de espécimes in vitro é composta por quatro cobras e um lagarto, que se encontram em frascos de vidro e estão expostos em um armário de madeira com porta de vidro transparente.

Outra coleção relevante é a de modelos didáticos, composta por réplicas de plantas como flores, frutos, cogumelos, fungos, partes das plantas (raiz, caule, tronco e folha), entre outros, que estão em exposição em mesas retangulares, na sala de botânica.

⁵² Nara Beatriz Witt e Zita Rosane Possamai, “Ensino e Memória: Os Museus em Espaço Escolar”, *Cadernos do CEOM*, Acervos para História da Educação 29, nº. 44 (junho 2016).



Figura 14. Réplicas de plantas.



Figura 15. Quadro parietal (porco).

O quadro parietal de madeira (fig. 15), relativo à anatomia do porco, era utilizado como recurso didático nas aulas de zoologia. O quadro encontra-se em exposição. Todavia, assim como outros itens do acervo, esse objeto ainda não está catalogado.

Conclusões

O Museu de História Natural Louis Jacques Brunet é uma demonstração de resistência ao longo do tempo. Representa, também, o compromisso das gerações passadas com a preservação de um espaço único, mantido graças ao esforço contínuo de professores, alunos e da comunidade escolar. Destaca-se como uma exceção no âmbito das instituições de ensino médio em Pernambuco, sendo o

único museu do estado dedicado especificamente à preservação e à disseminação do conhecimento em história natural.

Sua manutenção é fundamental para a preservação do patrimônio histórico-educativo, bem como para a promoção da cultura material escolar. No entanto, para que espaços como esse cumpram seu papel de maneira efetiva, é imprescindível que o Estado implemente políticas públicas voltadas à sua criação, manutenção e valorização. Isso inclui assegurar recursos adequados, investir na formação de profissionais qualificados e integrar esses museus às ações educativas oficiais, fortalecendo, assim, os processos de aprendizagem e o desenvolvimento cultural das comunidades escolares.

Para futuras pesquisas, é fundamental explorar formas de ampliar a divulgação do museu, fortalecer seu acervo e promover parcerias com instituições de pesquisa nacionais e internacionais. Além disso, investir em tecnologias digitais e em programas educativos inovadores pode ajudar a alcançar um público maior, especialmente as novas gerações, e garantir a preservação desse importante patrimônio natural e científico dos pernambucanos.

Referências bibliográficas

- Álvarez Domínguez, Pablo; e María José Rebollo Espinosa. “Transferencia del conocimiento patrimonial histórico educativo a través de los museos pedagógicos universitarios españoles”. *Revista História da Educação* 25 (2021): e105032. <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/105032>.
- Álvarez Domínguez, Pablo. *Los Museos Pedagógicos en España: Entre la memoria y la creatividad*. Gijón: Trea, 2016.
- Ávila, Virgínia Pereira da Silva, et al. “Fontes de pesquisa para a história da educação no Médio São Francisco Pernambucano (1926–1985)”. *En Fontes históricas em perspectivas situadas: limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação*, organizado por Estela Natalina Mantovani Bertoletti e Tânia Regina Zimmerman, 15–36. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- Barroso Filho, Geraldo. “Formando individualidades condutoras: O Ginásio Pernambucano dos anos 50”. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1998.
- Bauman, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- Bica, Alessandro, Reginaldo Meloni Alberto, e Virgínia Pereira da Silva Ávila. “História da educação:

- Acervos, repositórios e centros de memória”. *Momento - Diálogos em Educação* 33, nº. 1 (2024): 19–23. <https://doi.org/10.14295/momento.v33i1.16823>.
- Braghini, Kathya. “Arqueologia do trabalho com um patrimônio escolar-científico ou relatos técnicos de uma aventura”. *História da Educação* 27 (2023): e128215. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/128215>.
- Berrio, Julio Ruiz. “Los Museos de Educación y la Historia de la Educación”. In *El patrimonio histórico-educativo: su conservación y estudio*, editado por Julio Ruiz Berrio. Madrid: Biblioteca Nueva, 2010.
- Câmara, Bruno Augusto Dornelas. “Trabalho livre no Brasil oitocentista: o Regime de Engajamento e as Leis de Locação de Serviço de 1830 e 1837”. In *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História - ANPUH*, São Leopoldo, 2007. (Acesso em 5 de agosto de 2025) <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/29-snh24?start=80>.
- Cunha, Luiz Antônio. *A Educação Brasileira na Primeira Onda Laica: do Império à República*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017.
- Cunha, Maria Teresa Santos, e Emerson César de Campos. “Um itinerário de pesquisa: Aspectos sobre a temática patrimônio histórico-educativo na história da educação (2000-2015)”. *RIDPHE_R Revista Iberoamericana Do Patrimônio Histórico-Educativo* 6, no. 00 (2020): e020021. <https://doi.org/10.20888/ridpher.v6i00.14332>.
- Cunha, Brasil, Maria Teresa Santos. “Apresentação - Introduction”. *História Da Educação* 19 no.47(2015):293-96. <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/58105>.
- Ermel, Tatiana de Freitas, e Dóris Bittencourt Almeida. “Paradoxos entre Memória e Esquecimento: Espaços Escolares e suas (Des)Conexões na Cidade de Porto Alegre”. *Educação e Pesquisa* 51 (2025): e287413. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551287413>.
- Escolano Benito, Agustín. “Etnografía material y cultura empírica de la escuela”. In *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura*, 2ª ed. editado por Vera Lucia Gaspar da Silva e Marília Gabriela Petry. Florianópolis: Insular, 2024. 31-39
- Escolano Benito, Agustín. “Cultura material da escola e história intelectual”. *ETD - Educação Temática Digital* 22, no. 4 (2020): 793–811. <https://doi.org/10.20396/etd.v22i4.8660176>. Acesso em 17 de

- junho de 2025. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8660176>.
- Escolano, Agustín. “Arqueologia y rituales de la escuela”. In *Educação e Patrimônio Cultural: Escolas, Objetos e Práticas*. Editado por Maria João Mogarro. Lisboa: Edições Colibri, 2015, 45-60
- Escolano Benito, Agustín. “Etnohistória e Cultura Material da Escola: a educação nas Exposições Universais”. In *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escrita e possibilidades*, 2ª ed., 127-164. São Luís: EDUFMA, 2023. Acesso em 5 de agosto de 2025. <https://www.edufma.edu.br/arquivo.pdf>
- Escolano Benito, Agustín. “El Patrimonio Material de la Escuela y la Historia de la Educación”. *Cuadernos de Historia de la Educación*, no. 6 (2009): 7–9. Sociedad Española de Historia de la Educación. <http://sedhe.es/wp-content/uploads/6-El-patrimonio-histórico-educativo-y-la-enseñanza-de-la-educación.pdf>
- Frago, Antonio Vinão, e Agustín Escolano. *Currículo, Espaço e Subjetividade: A Arquitetura como Programa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- Felgueiras, Margarida Louro. “Herança Educativa e Museus: Reflexões em Torno das Práticas de Investigação, Prevenção e Divulgação Histórica”. *Revista Brasileira de História da Educação* 11, no. 1 (janeiro/abril de 2011): 67–92. Acesso em 26 de junho de 2025. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38507/20038>.
- Froner, Yacy-Ara. “Reserva Técnica”. *Caderno Técnico* 8. Belo Horizonte: IPHAN, 2008.
- Gaspar da Silva, Vera Lucia, Gisele Souza, e Cesar A. Castro, orgs. *Cultura Material Escolar em Perspectiva Histórica: Escritas e Possibilidades*. Versão bilíngue, e-book. São Luís do Maranhão, MA: EDUFMA, 2023.
- Gaspar da Silva, Vera Lucia, e Gizele de Souza. “Material School Culture in the Fields and Gardens of the History of Education: A Look at Academic Production in Brazil (2000–2020)”. *Educació i Història: Revista d’Història de l’Educació*, no. 38 (2021): 79–104.
- Gaspar da Silva, Vera Lucia, Gizele Souza, e Cesar Augusto Castro, orgs. “Cultura Material Escolar em Perspectiva Histórica: Escritas e Possibilidades”. Vitória, ES: EDUFES, 2018.
- Garmendia, Luis María Naya. “Los Museos de la Educación en España: Un Panorama Alentador”. *El Diario de la Educación*, 8 de abril de 2025. <https://eldiariodelaeducacion.com/2025/04/08/los-museos-de-la-educacion-en-espana-un-panorama-alentador/>.

- Gonzales, Rômulo José Benito de Freitas, e Priscila Faulhaber. "A Formação do Museu de História Natural do Ginásio Pernambucano: A Contribuição de Louis Jacques Brunet (1855–1863)". In *Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: Epistemologia e Políticas*, organizado por Emanuela Sousa Ribeiro, Bruno Melo de Araújo, e Marcus Granato, 266–289. 1. ed. Recife: Ed. UFPE, 2020.
- Jiménez-Ramírez, Magdalena, e Francisco José Del Pozo Serrano. "Memória, Patrimônio Educativo e Espaços Virtuais de Aprendizagem: Uma Experiência na Universidade de Granada". *Revista Tempo e Argumento* 8, no. 19 (setembro/dezembro de 2016): 34–59. <https://doi.org/10.5965/2175180308192016034>.
- Lima, Jônatas Ferreira de. *A "Moda" chamada "Sciencia": A era dos museus no Brasil (1870 – 1910)*. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA - Departamento de História, 2010.
- López Martínez, José Damián, y José Mariano Bernal Martínez. 2009. "El material de enseñanza como recurso didáctico en la historia de la educación". *Cuadernos de Historia de la Educación*, no. 6: 53–92. Sociedad Española de Historia de la Educación. <http://sedhe.es/wp-content/uploads/6-El-patrimonio-histórico-educativo-y-la-enseñanza-de-la-historia-de-la-educación.pdf>
- Magalhães, Justino. "Arquivos e museus escolares – Fontes de memória e educação histórica". *Sensos-e* 9, no. 1 (2022): 47-54. <https://doi.org/10.34630/sensose.v9i1.4382>.
- Magalhães, Justino. "A Escola como Cultura: Experiência, Memória e Arqueologia". *Revista Brasileira de História da Educação* 18 (2018): e047. Acesso em 27 de dezembro de 2018. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/44355>.
- Meloni, Reginaldo Alberto, e Wiara Rosa Rios Alcântara. "Materiais didático-científicos e a história de ciências naturais em São Paulo (1880-1901)". *Educação e Pesquisa* 45 (2019): e207546.
- Meloni, Reginaldo Alberto. "A experiência de constituição de uma fonte documental a partir dos instrumentos de ensino de química e física do Colégio Culto à Ciência de Campinas/SP". *Revista Brasileira de História da Educação*, 11, no.1 (2011): 43-65.
- Menezes, Maria Cristina, organizadora. *Desafios Iberoamericanos: o Patrimônio Histórico-Educativo em Rede*. Série Patrimônio Histórico Educativo, vol. 1. São Paulo: CME/FEUSP, 2016.
- Mirabile, Antonio. "Boletim Eletrônico da ABRACOR", no. 1, junho de 2010.

- Mogarro, Maria João, coordenadora. *Educação e património cultural: escolas, objetos e práticas*. Lisboa: Edições Colibri, 2015.
- Pereira, Nilo Pereira. “Ginásio Pernambucano”. *Patrimônio Cultural de Pernambuco* 1, no. 2 (janeiro): 1–6. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes; Fundarpe; Conselho Estadual de Cultura 1983. Acesso em 17 de junho de 2025. <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/57559/2/Ano%20I%2C%20N%C2%B0%202%2C%20jan.%201983.pdf>.
- Neto, Fernando Raul, João Paulo Carneiro Barbosa, e Ricardo Berardo. “Biblioteca do Ginásio Pernambucano: Levantamento do Acervo de Matemática do Século XIX”. *Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana* 8, no. 3 (2017).
- Oliveira, João Paulo Gama, e Rosa Fátima de Souza Chaloba. “‘Com o mar por meio’: patrimonialização escolar em instituições educativas luso-brasileiras”. *História da Educação* 27 (2023). Acesso em 12 de junho de 2024. <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/128695>.
- Oliveira, João Paulo Gama, e Rosa Fátima de Souza Chaloba. “O patrimônio educativo em tela: incursões pelos Anais dos Congressos Brasileiros de História da Educação (2011-2019)”. *Revista Linhas* 24, no. 55 (2023): 339–367. Acesso em 17 de junho de 2025. <https://doi.org/10.5965/1984723824552023339>.
- Petry, Marília Gabriela, e Vera Lucia Gaspar da Silva. “Museu escolar: sentidos, propostas e projetos para a escola primária (séculos 19 e 20)”. *História da Educação*, 17, no. 41 (setembro de 2013): 79–101. Acesso em 29 de junho de 2025. <https://www.scielo.br/j/heduc/a/3PqpYzXpymZnhNSqvXMHgq/>.
- Petry, Marília Gabriela. “Museu escolar: o que dizem os inventários (Santa Catarina/1941-1942)”. In *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar*, organizado por Vera Lucia Gaspar Silva e Marília Gaspar Petry, I. Florianópolis: Insular, 2012.
- Possamai, Zita Rosane Possamai. “Exposição, Coleção, Museu Escolar: ideias preliminares de um museu imaginado”. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, no. 58 (out./dez. 2015): 103-109.
- Possamai, Zita Rosane. “Museus Pedagógicos Nacionais: Brasil e França, Século XIX”. *Museologia & Interdisciplinaridade* 8 no.16(2019): 69–87. <https://doi.org/10.26512/museologia.v8i16.27225>

- Ramos Zamora, Sara, e Teresa Rabazas Romero. "Patrimonio y educación. Salvaguarda y difusión de la memoria de la escuela desde los Museos de Educación en España". *História da Educação* 28 (2024): e128823. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/128823>.
- Ramos Zamora, Sara e Romero Teresa Rabazas. "Los Museos Pedagógicos Universitarios como Espacios de Memória Y Educacion". *História da Educação* (on line) 21, no. 53 Porto Alegre, (set./dez. 2017): 100-119. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/7221>.
- Ruíz Berrio, J. "Historia y museología de la educación. Despegue y reconversión de los museos pedagógicos". *Historia de la Educación* 25 (2013): 271–290. Acesso em 5 de julho de 2025. <https://revistas.usal.es/tres/index.php/0212-0267/article/view/11182>.
- Sani, Roberto. "A Pesquisa Sobre O patrimônio histórico E Educacional Na Itália". *Linhas* 20, no. 44(2019):75-95 <https://doi.org/10.5965/1984723820442019075>.
- Santana, Pollynne Ferreira de. "O museu na escola: a coleção de modelos didáticos para o ensino de botânica do Museu Louis Jacques Brunet/ Ginásio Pernambucano (1893-1934)". Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- Souza, Rosa Fátima de. "Preservação do Patrimônio Escolar no Brasil: Notas para um Debate". *Linhas* 14, no. 26(2013): 199-221. Acesso em 17 de junho de 2025. <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013199>
- Souza, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar do currículo no século XX: ensino primário e secundário*. São Paulo: Cortez, 2008.
- Schwarcz, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- Vidal, D. G. "Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX". In *A memória e a sombra. A escola brasileira entre o Império e a República*, organizado por D.G.Vidal e M.C.C. de Souza, Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- Vidal, Diana Gonçalves, e Vera Lúcia Gaspar Silva. "Por uma história sensorial da escola e da escolarização". *Linhas. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação* 11, no. 2 (julho-dezembro de 2010): 9-45.
- Viñao Frago, Antonio. "Memoria, patrimonio y educación." *Educatio Siglo XXI. Revista de la Facultad de Educación* 28, (210): 17–42.

Witt, Nara Beatriz Witt, e Zita Rosane Possamai. “Ensino e Memória: os museus em espaço escolar”.
Cadernos do CEOM. *Acervos para História da Educação* 29, no. 44 (Junho de 2016). Revista on-
line: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rc>